

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

2ª SÉRIE

2º ANNO — SETEMBRO DE 1873 — N.º 9

PORTO ALEGRE

TYPOGRAPHIA DO — CONSTITUCIONAL —

1873

REVISTA MENSAL

REVISTA MENSAL DE HISTORIA E GEOGRAFIA

VOLUME 10 - 1911

REVISTA MENSAL DE HISTORIA E GEOGRAFIA

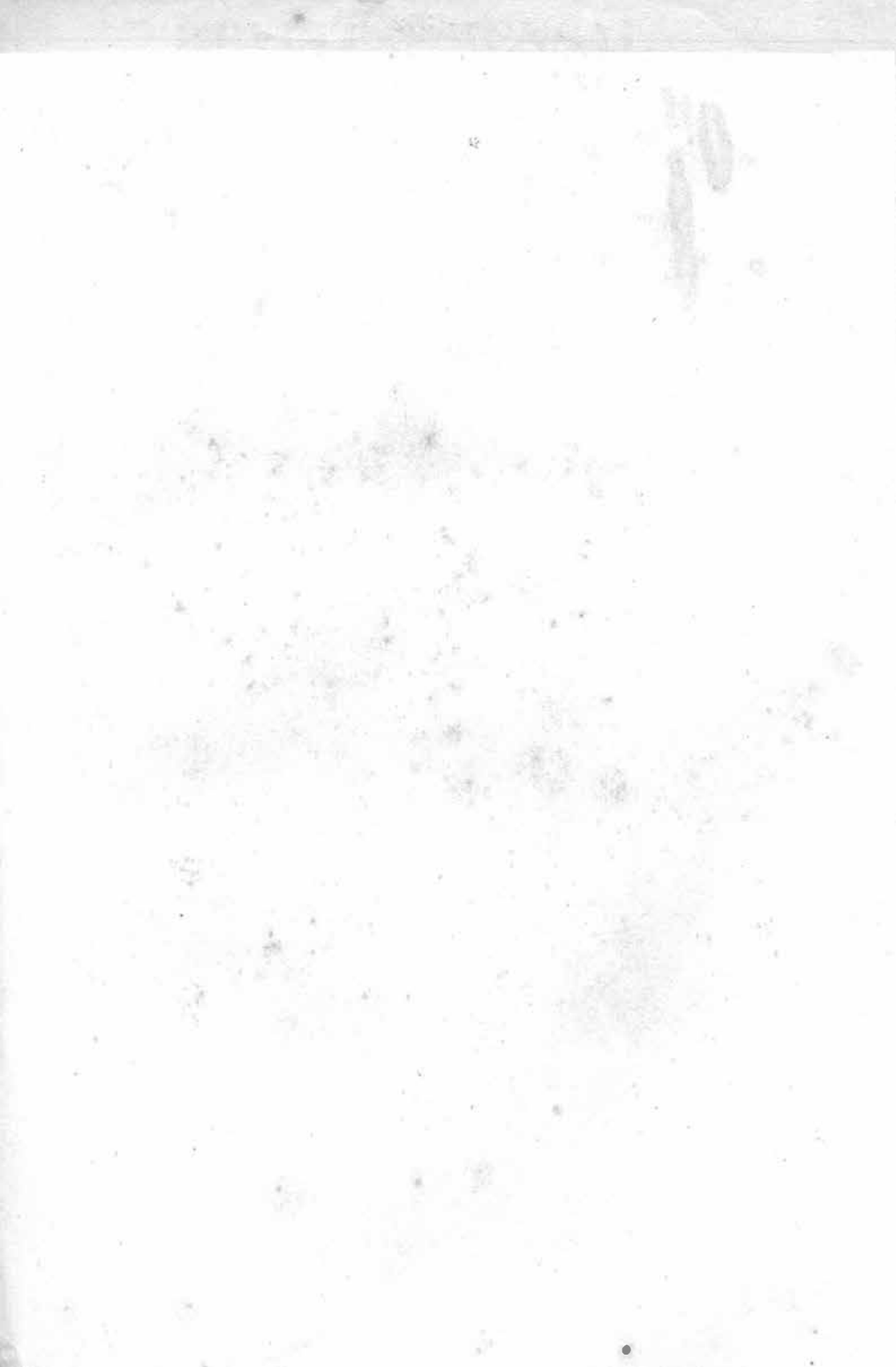
REVISTA MENSAL

REVISTA MENSAL DE HISTORIA E GEOGRAFIA

REVISTA MENSAL DE HISTORIA E GEOGRAFIA

REVISTA MENSAL DE HISTORIA E GEOGRAFIA

REVISTA MENSAL





Esculp. F. Wiedenmann.

D^{OR} JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR

JOSÉ DE ALENCAR

(ESTUDO BIOGRAPHICO)

I

Eis um nome, eis uma litteratura e uma nacionalidade.

O Brazil em seculos posteriores, n'este futuro que se lhe desenha hoje em fluctuações deslumbrantes, em matizes sorridentes; n'este periodo em que elle ha de ser a Thebas, a Babylonia, a Athenas, a Roma e a Paris d'uma civilisação gigante e apenas comprehensivel para os espiritos da actualidade; emfim, quando elle tornar-se o laboratorio das grandes idéas, a officina do trabalho universal, o templo das artes e sciencias, fará então surgir o nome de José de Alencar, que deve ter passado pelo eclipse aliás natural porque passão os genios, como o de Homero, que ao esforço de Pisistrato e ao labor da censura e coordenação de Aristarco appareceu á luz para o pleito das oito cidades hellenas e eterna gloria da poesia, como o de Milton quasi apagado pela esponja do tempo, e ao qual veio dar mais realce e lustre a voz autorizada do redactor do *Tattler* e *Free Holder*.

Os nomes dos grandes homens soffrem as peripecias dos cometas, até que um dia, a ellipse extincta, se fixem immoveis e esplendidos nos céos da civilisação e do progresso.

O illustre filho do Ceará, se entre as litteratos brasileiros, tem hoje a supremacia, que só a inveja ou a vaidade, as vellicidades de Erostrato ou as paixões politicas, pretendem de balde negar-lhe, em época ulterior será devidamente apreciado, quando o arco-pago da posteridade lavar seu arcosto imparcial.

Suas obras constituirão uma cadeia, por cujos élos poder-se ha estudar a nacionalidade braziliica desde a formação primitiva até as multiplas transformações que tocão aos nossos dias. Serão uma arca preciosa. N'ella não irá somente o artista devassar segredos do coração humano, delicadezas de sentimento, joias acima de toda a estimativa, com as quaes José de Alencar soube adornar suas bellas creações. Não. Tambem o sabio e sobretudo os philologos que ali encontrarão o que até hoje os dictionarios não conseguirão reunir: a lingua portugueza dos quinhentistas e a lingua portugueza no auge de esplendor, no periodo braziliico. Entre os nossos escriptores e os d'além-mar, ninguem a escreveu ainda com mais mimo e flexibilidade, doçura e fluencia, nem com mais riquezas, flores e viço. E' elle no mundo da arte o fidedigno representante do espirito da America, essa colonia que já a passos de gigante assoberba a metropole.

Vem appello algumas considerações a respeito.

Pinheiro Chagas faz-nos autores de neologismos, quando reproduzimos a palavra e a phrase geralmente usada na sociedade brazileira, e, não contente com uma tal asserção, conclue o pensamento, dizendo que na propria syntaxe levamos o Lobato aos trambolhões. Para lhe respondermos, pondo de parte o Lobato que confundio, tomando em absolucto o genio e indole da lingua luza, por excellencia analytica, com as fórmãs da latina de composição synthetica, bastaria que nos respondesse:

Camões, ao metter mãos e engenho ao immortal poema que abriu o cyclo epico moderno, por ventura pedio licença aos grammaticos e lexicographos para os enxertos do vocabulario aziatico e as riquezas de tecnologia maritima, da qual a propria Inglaterra não se pejou de explorar e transplantar para seu idioma muitos termos?

E para prova cabal de sua ignorancia em negocios da America, atira sobre os nossos miseros escriptores com os Estados-Unidos e as republicas de origem hespanhola. Ahi mostrou não conhecer que o yankee com sua prosodia nasal não falla como o lord de Londres, o highlander escossez ou o rustico de Irlanda que ruma um dialecto banhado ainda nas origens celticas, e entre John Bull e Jonathan a differença ás vezes é tão accentuada que difficilmente se entendem. A palavra yankee, denominação que os inglezes derão aos norte-americanos, provém da maneira porque muitos d'estes pronunciação -- english. Este facto de per si poria em relevo o que acabamos de afirmar.

Entre Cooper, Stowe, Poe e Bulwer, Dickens, Thackeray qual é a assimilação possivel entre as obras de uns e outros, quer pelo assumpto, quer por innumerãs expressões e vigor do estylo! Não dizem elles altamente em seus escriptos que o oceano os separa?

Que influxo diverso os dirige e impelle? Que o pallido e mercenorio colorido da velha Caledonia não tem razão de se espelhar no sopé dos Mimbres e nas margens opulentas do Mississipi que se engolpha no oceano como a aorta d'um povo possante e hardido superior no musculo e na idéa a seus antepassados? Que são tão distinctos como as paizagens do Clyde e do Niagara?

Entre o hespanhol do antigo continente e do novo subsiste identica discriminação.

O gaúcho do pampa não vive, não come, não bebe, não traja e nem se exprime como os descendentes de D. Pelagio. A patria do Cid não é a de Sant-Anna, Bolivar e São Martim. Physica e moralmente distancião-se. A feição topographica e o traço da physionomia repellem-se: a selva e o prado que produzem a vinha e a oliveira, não esfolhão o campeche, o pehuén e a baunilha; onde vagão o lobo e o merino, não se encontra o bizão, o vicunha, o guanaco e o lhama; lá o homem tem a face mais ou menos alva, aqui os tons da epiderme condensão desde a brancura deslumbrante até o escandêado do araucan e cholo e a côr baça e sombria do sambo. O basco, cujos cabellos descem em tranças pelos hombros, cujo manto relembra o domiuio arabe, cuja alegria franca solta-se ao som das castanhetas e guitarras, no bolero ou jota, cujos manjares ou são garbanzos em azeite ou a afamada olla podrida, não tem parecença com o guasso de cabeça envolta no lenço encarnado sob o chapéo de palha, o corpo occulto no desfraldo do poncho, as pernas cobertas das polainas lanudas que descem ás enormes chilenas, desenvolvimento extraordinario do acicate mourisco e da espora franceza; com o guasso que toca na viola e dansa a samacueca, que come o charquican adubado de aji ardente e bebe a chicha e o mate, em vez do Malaga e Alicante.

A andaluza de véo que mal deixa transparecer o cilio negro a desferir scentelhas não é a senhorita de Lima ou La Paz cruzando os olhares com os rutilos igneos da zona torrida, trazendo o chale airosamente traçado no torso.

Dois vícios inoculou no emtanto a Hespanha na filha de Colombo: o combate dos touros e o summo zelo religioso.

Não tratamos da população que no littoral vai sempre perdendo as priscas feições ao contacto dos estrangeiros, á influencia inevitavel dos povos que de dia em dia tendem a homologar-se. Isto é do foral da civilisação.

Fallamos tambem só quanto ás fórmãs. Quanto ao fundo, ao espirito dominante entre gerações de hemisphérios oppostos, a lei natural que preside aos destinos do homem diz mais que extensas considerações. Lá é o volcão da communa, um mundo que vacilla em estremecimentos convulsivos, avelhantado, cheio de pre-

conceitos e abuzões radicados durante seculos, theatro immenso em que a humanidade passou sobre a scena representando os mais gloriosos, como os mais degradantes dramas, é o solo que deve ficar em alqueive, é a nova Solima que teve o tabernaculo da sciencia e da crença e tem de ver um dia seus membros esparsoes em terras extranhas. Aqui é o terreno ainda hystérico das recentes crises da gestação geologica, palpitante de ceiva, novo, robusto, no verdor da mocidade; é o futuro, onde as sementes do passado virão respirar em mais abundante mêsse, quando a Europa legar-nos seu espolio enriquecido em milhares de annos, fructificado por longa experiencia, inauditos esforços do pensamento e do braço. Nós o recolheremos como a Europa o recebeu da Africa e esta da Azia. Danaus, Inachus e Cecrops sahirão do Egypto para colonisar a Grecia.

Pinheiro Chagas parece mesmo ignorar os mais comeseinhos principios de linguistica e as mais rudimentarias noções de nossa historia em seus *Ensaioes Criticos*, na apreciação sobre a *Iracêma*. Não nota as influencias de local, clima e sobretudo que o colono portuguez, ao apoiar na America, desde logo cruzou o sangue godo e arabe com o sangue tupi, como attestão Diogo Alvares e João Ramalho, e estabelecia d'este consorcio o ponto de partida para a futura nacionalidade já constituida e augmentada ainda do elemento afro, muito antes do evento politico de 1822.

Como quer pois o distincto autor dos *Ensaioes* que nos sujeitemos ás condições de Portugal?

Se ha razão para os Estados-Unidos desviarem-se de seus ascendentes, que são no entretanto os energicos insulanos que vão na vanguarda da civilização, muito mais nos sobra relativamente a nossos irmãos de ultramar. Lá vemos um exiguo segmento de terra ameaçado de imminente perigo na tendencia á unificação das raças e sem meios de defesa, sem recursos de qualquer sorte; grande nacionalidade, é certo, no passado, quando deixou inextinguivel sulco luminoso atravez da historia; porém, tendo hoje apenas uma existencia ephemera e facticia devida mais a seus grandes homens, a estes vultos que, como Camões, Garret, Herculano e T. Braga, sobrevivem á patria, são os dipticos personalisados, a immortal consubstanciação d'alma d'um povo que expirou ou está a expirar.

Em Portugal tudo é estacionario, porque elle vive da tradição; no Brazil tudo caminha, é impetuoso, porque elle vive da esperança, o futuro é seu norte.

Comtudo Pinheiro Chagas trata com seriedade a questão, ainda que erre em seus juizos e illações; porém, Ramalho Ortigão!? Este percorrendo o teclado da inconveniencia vai buscar no Li-

moeiro a palavra com que fere uma nação em seus brios, nos seus costumes e mesmo nos québros de sua linguagem! E apesar d'isto tem conservado innumeradas vezes a dignidade da satyra e do espirito e o atticismo do epigramma, sem descer aos esterquilínios, onde a flôr que ali nasce, embebe-se sempre de miasmas. Quando o chiste da pilheria transforma-se na grosseiria da pulha, repugna e avilta.

Não se responde, como o fizerão alguns de nossos concidadãos do norte que cairão no mesmo delicto, procurando uma desafrenta. O silencio é de oiro.

II

Fallamos da supremacia de José de Alencar em nossa litteratura.

Vamos elucidar a asserção. E' uma opinião individual sem pretender os fóros de *magister dixit*. Temos uma bella galeria de vultos proeminentes nas letras, como Gonçalves Dias, Magalhães, Macedo, Norberto de Souza, Alvares de Azevedo, o nosso comprovinciano Araujo Porto Alegre, Pereira da Silva, Varella, Machado de Assis, Castro Alves, etc.

Entre todos, porém, qual menos gafo da imitação estrangeira conseguiu escrever o livro, onde a communhão brazileira palpitasse em seus costumes, em sua vida intima, e emfim no que, se nos é licita a expressão, chamaremos de physiologia nacional?

Nenhum d'entre elles.

Araujo Porto Alegre entreabre a cortina e deixa mal lobrigar-se alguns thesouros que, como o diamante no fundó alveo da corrente ao toque de luz, scintillarão a intervallos na onda de seu rhythmo. Na *Destruição das florestas* e no colossal *Colombo* ha lampejos que só um filho d'esta terra poderia ferir, ha colorido que sua pallheta não tiraria senão de nossa natureza, ás tintas das azas dos colibris e saliras, das flores do mandacarú e nenuphars, das corallinas, ópalas e tabatingas das ribanceiras. O mais não é brazileiro, ou são impressões ou puros americanismos, o que não se deve confundir, quando especialisa-se a litteratura caracteristica d'um povo. Pinheiro Chagas, se não nos falha a memoria, desejaria que tratassemos quasi exclusivamente do indigena, como se um unico traço constituisse toda a nossa feição. As impressões bebem os escriptores brazileiros nas viagens á Europa, onde em suas côrtes conseguirá o talento produzir sob o ponto de vista da concepção e da fórma trabalhos artisticos, mas

sem o cunho essencialmente particular; porque não é no seio de povos diversos, a grandes distancias da patria que se fazem estudos serios sobre ella; não é de vagas reminiscencias que rebenta a inspiração espontanea, franca e extreme; ao longe, nos melhores annos de experiencia e esforço, resta apenas do paiz natal a inspiração reflectida, em tons mornos e expressão cachetica. Os americanismos, em qualquer bibliotheca encontram-se obras scientificas sobre os habitantes primitivos do Novo Mundo, e facil é pois reproduzir o aborigena pela cópia d'essa phothographia ethnographica que se chama historia. Ainda assim a poesia de Gonçalves Dias por mais d'uma vez foi demero effeito artificial.

O *Colombo* de Araujo Porto Alegre tem demais contra si não só o epico, que não se filia a nossa epoca positiva e repleta de investigação historica e de phylosophia analytica, como a funda sciencia derramada em suas paginas brilhantes. O *Colombo*, como a *Messiada* de Klopstock foi escripto para uma sociedade de sabios e nunca se tornará accessivel ao animo popular senão pela nomeada de outiva.

O romance em prosa é a fórma por excellencia moderna, ainda que a antiguidade o gaguejasse nos contos milesios, nas viagens de pura phantasia e vidas de seus grandes homens.

A epopeia pouco a pouco tem desaparecido cedendo o lugar ao romance. A causa é obvia. Aquella vive do maravilhoso, do assumpto heroico, em que o homem é um semi-deus como Achilles, ou póde ir aos infernos visitar a sombra de Anchises. O principio romantico estabelece a victoria da razão sobre a imaginativa e exprime a marcha do espirito humano em seus esforços para devassar a verdade em toda a sua nuez. A verosimilhança constitue seu fundo. A litteratura consubstancia o pensamento philosophico do tempo e o enuncia mais facil e lucidamente. Desde o seculo decimo sexto com o D. Quixote, Gil Blass, Tom Jones, Clarisse Harlowe, Candido, Gargantua, o romance tem ganho dia após dia terreno até as proporções a que elevou-se nas mãos de W. Scott.

Portanto não é com o *Colombo* que conseguir-se-ha popularisar nossa litteratura. E' com o romance, como o entendeu José de Alencar que abrange um povo em todãs as vicissitudes de sua existencia, que estuda o typo multiforme e os sentimentos de todas as classes de nossa sociedade.

Quem entre os outros escriptores rivaliza com Alencar e o excede de algum modo quanto á minuciosa fidelidade da pintura, é o autor do *Garimpeiro* e dos *Cantos da solidão*. Macedo virá em seguida e depois Teixeira e Souza; porém nenhum d'estes ascendem ás eminencias a que os distinctos filhos do Ceará e Minas-Geraes attingirão.

Magalhães que escreve o poema da *Confederação dos Tamoios*, e o conciliabulo, antes oligarchia litteraria da côrte a *una voce* o proclama o *nec plus ultra* da poesia, não offuscou o *Uruguay* de Bazilio da Gama, nem o *Caramurú* do padre Durão, nem ao menos abriu e indicou a senda certa aos talentos noveis. Trazia em si um só elemento constitutivo de nosso povo, era tupico, abraçava a lauda heroica da terra de Cabral, sem comtudo cinzelal-a livre de ensanchas. Em seus escriptos não são frequentes os brazileirismos. Antonio José é brasileiro porque nasceu aqui, bem como o autor da tragedia que o reçussitou no palco. Olgiato é italiano, Othelo é inspiração de Ducis, que atorou a obra prima de Shakspeare, na pretensão de aperfeiçoal-a, refundindo-a, estolida pretensão de Mumius com os primores d'arte de Corintho!

Não vai em taes considerações ligeiramente traçadas um ataque ao renome a justo titulo alcançado pelo autor dos *Suspiros poeticos* e *Pastos do espirito humano*. Somos os menos competentes, e, se quizessemos fazel-o, por paixão menos louvavel, ter-se-hia o mais cabal desmentido nas obras ha pouco mencionadas. De poeta e philosopho são corôas que lhe pertencem. E' o Quintana da litteratura nacional.

O que contestamos é sua influencia em detrimento dos sinceros vedetas; cujas labutações banhão-se na duplice origem da observação e do intuito patriotico.

Quando um dia o Brazil tiver consciencia de suas glorias e quizer vindical-as, como trophéos do passado, irá, por certo, aos escrinios de Araujo Porto Alegre, como o mais americano de seus poetas, mas no de Alencar e Bernardo Guimarães é onde poderá reconhecer a nacionalidade em seu typo primitivo a transformar-se paulatinamente com o correr dos tempos.

Continúa.

IRIÊMA.

FEITIÇO D'UNS BEIJUS

(ROMANCE)

VI

ESPANTOSO AUTO DE FÉ Á LUZ DO SECULO DEZENONE

Cinco horas soarão funereas na cathedral.

André arrimado á mesa sobresaltou-se á primeira badalada, e machinalmente contou-as até a ultima.

— Cinco horas! murmurou.

E o que acabava de dizer, calou-lhe no espirito, chamando-o á realidade.

— Cinco horas! tornou. O que fiz eu no tempo que decorreu? E pouco a pouco, com esforço lento e penivel veio-lhe tudo á memoria e até que não havia dormido ainda, quando cedo tinha de ir á aula.

A idéa das mathematicas arrancou-lhe quasi um gemido do imo d'alma. Seus odios reviverão á lembrança da carta que no dia anterior recebera de seu pai. Teve um pensamento sinistro. Era uma vingança, maxime quando as aventuras da noite o exacerbavão.

Acordou José.

— Crioulo, toma o fogareiro e traz com brazas, ordenou em tom incisivo e frio como uma lâmina.

Accendeu um charuto e foi tranquillamente baloiçar o corpo

exhausto n'uma cadeira de balanço, como o homem que tem tomado invariavelmente uma resolução.

José entrou com o fogareiro, toscanejando em pé, e resmungando entre dentes. Não, sem razão; n'uma noite de inverno não é das melhores coisas deixar-se as cobertas para serviço proprio, quanto mais por mero capricho alheio.

— Pensei que não querias vir.

— José estava todo eucarangado, nhonhô.

E deu um cochilo.

— Desperta, crioulo. Não queiras moneiar.

— Ai, este frio, nhonhô! Vai até o caracú.

— Agora vou aquecer-te, meu zaranza. Põe o brazeiro ali e chega para aqui. Mais, mais, não queiras fazer levantar-me. Bem, ali mesmo. Vês aquella estante?

— Sim, nhonhô.

— Sabes qual é o sen primeiro raio?

— Raio na estante?! Não, nhonhô, não sei, não.

— Estupido que sou! Tens razão. Prateleira, entendes, qual é a primeira?

— Agora José já sabe. E' aquella.

— Bem, aproxima-te d'ella.

— Qual é o lado esquerdo?

— Este?

— Não, o outro. Isto. Está bem. Tira o primeiro livro. Sim. Chamão-lhe em linguagem vulgar: arithmetica de Ottoni, leva-o para o fogo até ficar reduzido a cinzas. Vai sem carouchas e sambenito; não importa, o resultado é sempre o mesmo. De arithmetica, basta a multiplicação.

— Se nhonhô não quer, dê a José, que pôde vender e ganhar gimbo grosso.

— Crioulo, não quero commentarios, faz o que mando, sem dizer palavra.

E o molecote bem contra a vontade obedeceu á ordem que o impedia de fazer um pequeno arranjo.

Emquanto o Ottoni ardia, André pensava em sua amada entre as espiraes azuladas do charuto.

Quando com a ultima folha do compendio, uma ultima chama serpeou, o crioulo perguntou:

— E agora nhonhô?

— Toma o segundo volume. E' uma algebra, reunião de rabiocas que poucos entendem. E' mais facil aprender o alphabeto chinez. Os ruminantes de algarismos chamarão-lhe poesia do calculo, porque vive de abstracções; mas eu amo mais a poesia da natureza e do coração, a unica, legitima e verdadeira poesia...

E proseguio na fumação esmaltada de ledas scismas, emquanto José, achando graça na queimada scientifica, esquartejava o segundo livro.

A primeira vez que um soldado entra em combate, sente o coração palpitar de medo e a face empallegar; mas em seguida o retintim dos ferros, o detonar da fuzilaria e obuzes e o quadro sanguineo e revoltado das batalhas constituem condicão necessaria de sua existencia.

Assim o moleque. Não pensava mais que o rescaldeiro ia consumir o que lhe traria algumas moedas, se o vendesse, e seria ainda util ao comprador.

O molde é um só para a argamassa humana. Entre um milhão de individuos que arrogão o titulo de — reis da terra, querendo fazer-se colheita, apenas será possivel separar no maximo cem creadores, e o restante formará o grupo dos iconoclastas e demolidores, isto é, novecentos e noventa e nove mil e nove centos!

É mais facil abater e destruir do que crear.

Dez minutos depois José com eloquente vivacidade fazia a mesma pergunta:

— É agora?

O demonio das ruinas animava-lhe a physionomia travessa.

— O terceiro livro. É uma geometria de braço dado com uma trigonometria. Gósto de suas applicações na sala d'um baile ou sobre o panno d'um bilhar; aborreço figadalmente a theoria em seus principios. Esfola e assa e vai queimando sem interromper-me de novo até quinze volumes. São herejes todos, são quinze huguenotes de polpa.

A's oito horas da manhã terminou o auto-de-fé.

O verdugo, de joelhos ante as brazas, com os braços cruzos sobre o peito, estava triste ao ver calcinada a decima-quinta victima.

— Acabou-se, nhonhô! disse elle em tom plangente.

O inquisidor André erguendo-se e contemplando o ermo em que ficava parte de sua bibliotheca, sorriu com sorriso satânico.

Valverde ante o exterminio dos peruanos não sentira mais effusão do que elle.

— *Consummatum est!* exclamou desfeito em jubilo. Era tempo!

É sorriso de novo.

A fumaça, porém, enchia toda a casa.

Foi abrir as portas e levantar as vidraças.

Feito isto voltou-se para o famulo obediente e então radiante de gloria a seus olhos.

— Prepara o chocolate, durante que escrevo, e toma lá, e

atirou-lhe uma moeda de cinco mil réis. E' uma pequena paga pelo serviço que acabas de prestar á humanidade.

Em seguida tomou a penna e redigio a seguinte carta :

MEU PAI.

Sinto bastante ir penalisal-o, prefiro comtudo a franqueza á mentira. Tomei uma resolução definitiva ; não continúo a estudar mathematicas, porque não posso, porque temo esmichar ou ao menos perder o juizo em tão ardua empreza.

Meu pai quer torcer minha vocação, errou em seus planos. Não é que eu não tentasse trabalhar, mesmo com sacrificio. Tudo foi baldado. Minhas faces encovarão, emmagreci a olhos vistos e nem sequer consegui adiantar um passo na carreira a que me destinavão. Se continuasse, morria, tão certo, como : dois e dois são quatro.

Eu morto, meu pai perdia o piloto e o filho, e assim perde sómente o piloto.

Seu filho

André.

Quando o crioulo trouxe o chocolate, o moço disse-lhe :

— Leva esta carta ao-correio. Vou deitár-me. Se alguém procurar-me diz que estou doente.

E foi dormir. Vamos aproveitar o ensejo para visitarmos outros personagens que se ligão estreitamente á acção d'esta historia.

VI

UMA VENDA

Vês esta rua, leitora ?

E' a rua Clara.

Vês esta casa de tres janellas e um sotão ?

E ao lado uma taberna com porta de communicação entre ambas ?

Tudo pertence ao Sr. Esperidião José Joaquim Francisco. Entremos. A casa de negocio seja a primeira em nosso exame.

Como todas as vendas do paiz apresenta os traços originacs,

que surprehendem o europeu, que acostumado em sua patria a consideral-as apenas em seu pequeno commercio de bebidas, admira vê-las entre nós exhibindo toda a sorte de generos de mercancia, destacando como bazares de exiguas proporções, innumeras em cada povoado, nas esquinas de cada quarteirão.

Além d'isto o que ha de pittoresco, mesclado, extranho e vago na elaboração da raça brasileira resalta em mosaico de seus frequentadores. O rebotalho social ainda fiel aos costumes primевos, pela sua propria ignorancia, quiçá afferro ao passado ou desprezo pelas novidades, torna-se menos accessivel á invasão estrangeira, e recalcitrante varia ao infinito, como n'um kaleidoscopio, os caracteristicos que lhe são peculiares. A taberna é o meeting diario do populacho, é o pñix, o forum, o comicio para o desabafo de amarguras e alegrias, para o desafogo d'alma na effusão da amizade e dos odios; é enfim a trachea immensa e enorme, pela qual resfolga o pulmão sanguineo da servidão.

A do Sr. Esperidião prima como specimen. Não lhe falta sequer um lineamento.

Encontra-se n'ella de tudo um pouco. Desde os ingredientes eervas medicinaes, como: mel de mandaçaia, tajujuá, poejo, ijapicanga, que dão-lhe uns ares affins com uma drogaria, até a roupa feita, como: ponchos de bichará, palas, calças de picote, que a fazem assemelhar a uma alfaiateria.

Pelas hobreiras das portas, á porfia, desenrolão-se as amostas de mercadorias penduradas de pontas de paris. Pouco mais ou menos o seguinte: um feixe de vassouras de piassava, um balaio de creciuma, samburás de taquara, abanos de palha de botiá, mantas de bacalháo e miraguaia, corvinas salgadas, um mó-lho de macella da terra, um bonito assado de charque, murcillas, linguigas, restias de cebollas e alhos, uma camisa de algodão, um rebenque, e no mez de Junho, como appendice extraordinario, uma roda com alguns fogos de artificio; bem como na estação calmosa no esvão das duas portaladas centraes um enorme cartáz de papelão, tendo uma garrafa pintada de azarcão com esta palavra em esgallados gregotins:

GENGIBIRRA!!!

Na rua, junto á calha do lagedo, é raro durante o dia não apparecer uma pilha de lenha, alguns saccos de milho, arroz, feijão, ervilhas, ao sol para desinçarem do gorgulho, e uma ou outra barrica com outros generos.

O Sr. Esperidião não tem poupado esforços para tornar sua casa bem afreguezada e distincta das outras. Apezar de engenho

mazorro, teve tactica nos meios empregados, embora nem sempre licitos.

Na frontada da venda, logo abaixo da cimalha, sobre um fundo pintado de oca, sobresahe o nome com que baptisou seu estabelecimento. Eil-o na sua integra :

ALMAZEM D' NUVIDADES RARAS.

Não reparem no orthographo e estylo do título. Ahi palpita o homem, expande-se, viceja e esfolha em toda a sua naturalidade.

N'um dos portaes garrula de sol a sol um illustre papagaio, que, a par das garridas cores da plumagem, aduna uma excellente memoria. E' uma lenga-lenga interminavel desde que amanece. O animalsinho é bem ensinado e tem uma garganta do aço.

A' alguém que passa, grita elle, ainda que de tarde :

— Bons dias. Entre meu amigo, a casa é nossa. Vendem-se baratas coisas vasqueiras e boas. Olhe, tem inhaja ! sempre inhaja !

Tem vendagem ! sempre vendagem !

A's vezes a parlenda vai de chofre sobre uma senhora. Destôa o discurso, mas consegue o intuito em algumas occasiões.

Se atravessa algum crioulinho, cil-o de topete arrufado e a lingua n'um solfejo entremeado de assovios de vaia :

— Fóra, moleque, fóra ! Fiú, fiáo, fiú, fiáo !

Fóra, bagadú, fóra ! Fiú, fiáo, fiú, fiáo !

Para o honesto e tranquillo cidadão o Sr. Francisco Vieira, que móra na visinhança, é para quem a ave intelligente do Sr. Esperidião não guarda a devida cortezia. A intervallos despeja do bico adunco contra o bom do velho uma duzia de improperios e doestos indignos até de menção.

Ao lado do papagaio não devia faltar o macaco. Tambem havia um guariba na parte externa do balcão, chamariz e entretenimento da negrada e outros frequentadores.

Papagaio e macaco, o burlesco e alvar da palavra e o gesto esgaratujado e ridiculo do homem, constituíão dois traços salientes da physionomia do dono. Mais uma alimaria n'aquelle muzeu, o gambá, e têt-o-ião pouco mais ou menos photographado em seu physico e moral.

De manhã, mãe Thereza, cognominada a Nanica em razão da altura, com os primeiros alvares do dia estava na venda de Esperidião que a affagava por seus proprios interesses. Retirava o fogareiro e panella que ali deixava sempre, e ia cuidar da preparação de seus acipipes afamados em toda a cidade. No mocotó, quitutes, moquecas e esparregados de carurus, como na manipu-

lação do angú, fubá, mingãos e acassá, ninguém a excedia. O mondongo, que lhe passava pelas mãos em materia prima tosca e desprezível, surdia n'uma iguaria de apreciavel gosto, capaz de inspirar quatro ou cinco paginas eloquentes a Ramalho Ortigão; a piava adubada com dendê era um d'esses pratos, que levaria mais de um Vatel, na falta d'elle, a recorrer ao suicidio; o *conducto* de carás e pintados com quingombó e comari n'uma piroa-daria meleiro não ir melar.

A arte culinaria déra-lhe meios de alforriar-se a si e a dois filhos, em companhia d'uma gloria legitima.

O vendilhão soube attrahil-a, engambeliando-a com pequenos presentes e expressões affaveis, e dando-lhe tudo mais em conta que em outra qualquer parte.

Ter Nanica ao lado era ter um exercito de consumidores. Famílias havia que procuravão de constante a celebrada mão de vaca da quitadeira; os homens de jornal, operarios, cangueiros, quando batia o prégo, voavão pressurosos á taberna para o almoço e janta, e com as refeições lá vinha a vontade de matar o bicho ou de ter sobremesa, e as torneiras derramavão a flux cachaca, vinho e melado; além d'isso devemos accrescentar as compras feitas por esta gente dos provimentos necessários, que crão outras tantas fontes de extracção dos generos.

Não poupava affano o tendeiro, como vêm.

Até um d'esses idiotas inoffensivos, que, conservando a fórma humana, perdem sua grandeza moral, excluem a personalidade; aberrações lastimaveis, onde a malicia e a infancia tão irreflectida como innocente, achão pabulo para regabofe, foi uma mina explorada por elle.

A população de Porto Alegre ainda deve lembrar o celebre maniaco pela geometria, morto não ha muitos annos. Quem o não vio detido em frente a uma esquina a simular com o dedo no muro uma demonstração sobre chimerica figura? Bradando voz em grita:

— As parallelas são iguaes a x , x é igual a Catiça?

Pois bem, era o Catiça que empilhava lenha, torrava café, o moia, picava fumo, pilava a cangica e prestava outros pequenos serviços, com a paga apenas de alguns cigarros de refugo ou um copazio de gerebita.

Examinemos ainda algumas origens de redditos, na apparencia insignificantes e na realidade bastante productivas.

Em processos de bebidas refrigerantes como: gengibirra, garapa, maduro e aloá designava o debito, termo medio, 100\$000 annuaes, e o credito 400\$000; portanto um saldo a favor da caixa de 300\$000.

Em composições de chimica corriqueira como: agua e cam-

peche para o vinho, agua e fumo ou pimenta do reino para a aguardente, feita a estimativa entre o preço da factura e a receita das vendas a retalho, dava um resultado de 40 % de lucro.

Em rifas, pois não existia a lei 1,099 de 18 de Setembro de 1860, quanto alcaide e frandulagens havia no negocio, era jogado em sortes por valor triplice ou quadruplo.

Taes alicantinas de Espiridião são ainda imperfeito rascunho em comparação de outras misturas e combinações deixadas aqui em silencio. Comtudo não devemos esquecer a balança, da qual uma concha sempre descancava no balcão á pressão dos pezos sentados sobre uma folha de papel pardo. Era uma bateia inexaurível, uma lampada de Aladino! Em cada libra escamoteava sempre meia quarta! Em cada quarta duas ou quatro oitavas e não sei mesmo quantos escrúpulos! Pequenas parcellas, é certo, mas somadas no fim de alguns annos constituirião um regular peculio.

Fazia ganchos tambem no troco. De ordinario faltava-lhe um dez réis ou um vintem para complemento do retorno. Uns esquecião depois de ir buscal-o, outros consideravão-n'o desde logo no artigo lucros e perdas.

Emfim a venda de Esperidião ostentava-se em suas feições distinctas como uma sentina de vicios, e não raramente um latibulo de sicarios e bândidos.

Durante a circuição do dia era o que bem ou mal debuxamos. Algazarra, tumulto, babel de vozes e pachuchadas, torvelinho de cabeças desde o leiteiro que ia tomar café ou mate até o jornaleiro refazendo as forças para tornar ao trabalho.

Na hora da sésta como amadornava, no emtanto. A's vezes podia-se ouvir o zumbido da abelha ou varejeira que ali vinhão ao saque. O caixeiro ficava só no contador e com a cabeça derrubada entre os cotovellos cahia no estado lethargico entre a vigilia e o somno. O papagaio enfiava o bico debaixo da aza e dormia sobre um pé no poleiro. O guariba embolado em cima d'uma barrica ou jacá fungava tranquillamente. Apenas sentado na soleira o cangueiro aproveitava aquelle espaço em tecer a palha de botiá para a manufactura de toscos chapéos, ou a quitandeira bocejava junto ao taboleiro de doces ou verduras.

De noite, sim! Empallideces palheta de Hogarth! Penna, nem sequer bosquejas as scenas palpitantes, emmaranhadas, confusas no conjuncto, esplendidas em separado!

A jogatina ferve n'uma segunda divisão da tenda, da qual está separada por um tabique de madeira. Ali dissipão o suor do dia na manilha, sólo, trinta e um, e no vispora pelas noitadas de inverno, alguns homens imprudentes. O taberneiro é quem lucra; pois não toma parte no esbanjamento e tira o indispensavel barato.

No recinto da tasca diferentes grupos se fórmão de expressiva por local. A japona acotovella o poncho e á bluzza, a rossilha na roça a alpargata e esta ao sapatão reúno.

Derreado sobre um surrão de mate, um barril ou sacca, o caboclo agaúchado, o capanga trombudo, afinão o canto na viola que retilintina melancolica; o avoadó, o bahiano, o amante da lua tomão do violão e ao dedilhar das cordas vibrantes desferem a modinha e o lundú; o africano na marimba extravasa d'alma as tristezas de poleá e as saudades da patria.

Des escravos, uns demorão as compras entretidos; muitos valem-se da folga para tasquinharem na reputação dos senhores, calumniando-os a maior parte das vezes no justo ressentimento do captiveiro; outros espreitão o ensejo para deporem n'aquelle immundo telonio o furto feito em troca de qualquer ninharia.

Pitão charutos, cigarros e até nos catimbáos de barro, por isso a athmosphera ali peja-se de espesso nevoeiro; conversão em tons desabridos e a gamma chula vai da chufa com saibo de sarro e alcool á esburgada phrase da obscenidade; a lingua, este orgão da superioridade do homem sobre o resto da creação, desembainha se como uma lamina ervada e ejacula o virus da torpeza, a sanie das chagas sociaes; não faltão tambem o saracoteio libidinoso, a embriaguez, o jogo e o amor barregão.

E' aqui, entre tal gente, que nasceu o banzé e o turumbamba.

VIII

PROSA EM ACCÃO

Entremos na casa de moradia.

E' pauperrimamente mobilhada, se considerarmos que o Sr. Esperidião, além da celebre taberna, em cujos livros debita-se a todos e até Deus seria debitado, se lhe passasse á porta, possui dois ou tres cortiços, repugnantes zungús, que lhe rendem setenta mil réis cada um, um sobrado na rua da Ponte e uma boa chacara no caminho do Mato Grosso.

Ha sobre sua rapida fortuna alguns contos e lendas pouco favoraveis ao character d'um homem honesto; porém, o Sr. Esperidião diz sempre com a bochecha turgida e a gordurenta belfá estirada:

— Deixem fallar. Tenho dinheiro, e o dinheiro é rôlha para a canalha.

Se são ou não verdadeiras as balelas, por algumas espertezas que já puzemos á calvo, podem decidil-o.

Idolstras do bezerro de ouro, admirai vosso illustre confrade, curvai-vos ante suas admiraveis gentilezas! . . . Aquillo é que era homem!

Apojou um dia em nossas praias com uma simples caixa de pinho pintada de verde, côr que traduzia as esperanças que lhe esvoaçavão por alma. Dentro havia uma jaqueta, umas calças de belbute e um par de sóccos, além de duas brôas que desafiavão insolentemente as mandibulas de uma duzia de elephantes.

Foi quanto bastou para as bases de sua futura grandeza. Em pouco arribou. Esteve de caixeiro sómente dois annos.

Quando sahio, tinha chelpa e estabeleceu-se por sua conta. Foi então que assaltado pela variola, por pouco não partio d'esta terra para sempre. Se não fossem os cuidados de uma familia visinha, com cuja filha o taberneiro encetára alguns galanteios com fins illicitos, por certo não escapara. Este accidente não contando em seus calculos amolleceu um tanto a rijeza coriacea de sua indole, Não tencionava casar-se e no entretanto a gratidão para com a visinha desmoronou os planos negros que traçára a respeito d'ella, e o celibatario do vicio, o sultão de bombachas, tornado sociavel, teve em vez d'uma amasia, uma esposa. E' o mais bello florão de sua vida.

No solemne juizo de Josaphat, se elle entrar no céu, ha de ser só por isto.

Na época, em que encontramos o Sr. Esperidião, tem elle um filho legitimo com a Sra. Pulcheria Anastacia.

Ora um filho de dois entes que trazem taes nomes devia ser alguma coisa descommunal *et extra naturam*.

E foi. Sahio um monstro de nome Zacharias que herdára as adiposidades maternas e o moral d'um bodegueiro. O rapaz aos dezeseite annos não passava d'uma toupeira vivendo á luz. Mas o Sr. Esperidião queria um doutor na familia, e para mais formado em jurisprudencia, e forçou a natureza, peccado que brada contra os céos, se attentarmos para os escriptos de alguns doutos e santos padres.

Zacharias, ao contrario, manifestára desde logo suas amaveis tendencias e instinctos.

Aos oito annos roubára alguns objectos de seus companheiros de collegio.

Aos nove vendeu umas joias de Pulcheria sem consentimento da dona.

Aos dez dedicou-se á caça de cães e gatos da visinhança.

E os bons pais rião-se a romper as ilhargas das gracinhas do pequeno Zacharias!

Aos onze foi ao balcão e sorveu algumas balastracas e bolivianas, e, para equilibrar a receita com a despeza, debitou no borrador a Francisco Vieira, a quem votava odio de morte por motivos que expenderemos no capitulo seguinte.

O Sr. Esperidião esfregou as mãos de prazer ao dar com o maligno gracejo, e foi encontrar Pulcheria.

— Ah! mulher! Que maganão! Que capadocio! Ah! Ah! Ah! Bem pregada!

— O' homem, que estás ahí a esbofar-te!?

— O doutor... Ah! Ah! Ah!... Quem sahe aos seus... Só d'elle... Aquillo vai metter figa a todos os doutores da terra... Nunca vi caçoada mais bem feita... Ah! Ah! Ah!... Eu rebento... Ah! Ah! Ah!

-- Pois rebenta, que estás ahí com mysterios!

Afinal o marido referio á cara consorte o occorrido e ambos bambolearão-se novamente nas convulsões do riso. (Não sei se a leitora admittirá a palavra riso para essa especie do genero humano... Paciencia! Ainda não inventarão outra que se adapte. Culpe aos dictionarios e não ao romancista).

E a Sra. Pulcheria, para manifestar mais sua admiração pelo genio do futuro doutorzinho, mandou-o chamar e deu-lhe umas sortes de beijócas e abraços, de que não se sabe ao certo a conta.

Dos doze até os quinze annos o pequeno Zacharias sahia sempre á noite em correrias com outros de seu jaez, e não poupavão de sua colera os vidros das janellas e lampeões, a velhice que calculava o passo tropego, e nem os de sua idade que se entregavão a brinquedos inoffensivos.

O taberneiro quasi diariamente recebia queixas, mas, despedindo attentosamente o offendido, ia a sorrelfa effundir-se em alegrias pela popularidade do filho.

— Hum! Hum! Tão pequeno e já mette medo. Quanto mais pelos futuros! Eu bem dizia: D'aquelle mato sahe coelho, sahe!

D'ahí em diante o Zacharias tornou-se moço, e como se dedicasse a empresas amorosas, esqueceu antigos habitos.

Quando tinha dezenove annos, alguns mezes antes de partir para S. Paulo, esbarrou n'uma conquista com André Dias. E não se sabe bem porque razões, este por pouco não o estrangulou n'um bello dia, a pontos de leval-o á cama e da Sra. Pulcheria ser ameaçada d'uma congestão cerebral.

O Sr. Esperidião teve desarranjos gastricos, e foi ter com o delegado de policia.

O caso fez ruido. Os visinhos e outras antipathias, odios e inimisades que Zacharias semeára profusamente, applaudirão o

bravo André, e o defendião publicamente, sem saberem dos motivos reaes da rixa.

O delegado providencialmente achou-se n'este numero e por consequencia protelou a queixa.

O Sr. Esperidião vendo-se ferido no coração e sem esperanza de justiça, angariou com bellas palavras a dois capangas, frequentadores de sua taberna, homens desempregados e prontos a toda a hora para commetter mesmo um assassinato. Despachou-os pois para que espancassem soffrivelmente a André.

Sahirão-se mal, e este lobrigando d'onde partira o assalto, foi encontrar o pai e applicou-lhe o que já applicára ao filho.

Produzio effeito o remedio.

O taberneiro não lembrou-se mais do moço senão para diffamalo-a a seus freguezes todos os dias, o mesmo que de sua parte fazia Pulcheria nas familias com quem entretinha relações.

Convem notar de passagem, se elles não soubessem que o destemido André lhes era superior em riquezas, terião conseguido sua prisão.

Zacharias, apenas restabelecido, com o susto a laborar-lhe o espirito e a ver em cada canto o gesto terrivel de seu competidor, partio sem saudades do que deixava e com grande alegria dos porto-alegrenses, mórmente de Francisco Vieira.

Continúa.

IRIÊMA.

(1) Por engano de composicão sahio grifada a palavra — Conducto — no capitulo VI, linha sexta da pagina 384.

AURELIA

ACTO III

Saleta elegante na casa de Helena

SCENA I

Helena está dormindo sobre uma cadeira de balanço. Jorge, que entra subtilmente, aproxima-se d'ella e beija-a na testa

HEL. (*sobresaltada*) — Jesus!

JORGE — O' pardon, pardon, my Helene!

HEL. — Meu Deus, parece uma criança! (*estendendo-lhe a mão*) Quer acreditar? Sonhava mesmo com o senhor, sonhava que o' via ajoelhado á meus pés, offerecendo-me o seu amor... (*Com magoa*) Chiméras, sonhos que se esvaecem como flocos de espuma!

JORGE — O' non, non, está um realidade, Helene; mi está loco e ciumento por ti. Non faz idéa...

HEL. -- Ciumento? Ainda bem, era assim que eu procurava um homem, uma creatura diferente d'essas para quem o coração é apenas uma pendula que oscilla nos momentos de volupia.

JORGE — Yes, yes!

HEL. — Zeloso como eu! (*pausa*) Diga, repita, Sr. Jorge, é certo que me ama? Os homens mentem tanto!...

JORGE — Mi está inglish e inglish está home de palavra. In-

Página não encontrada nas fontes pesquisadas.

Página não encontrada nas fontes pesquisadas.

VALL. — Vais habitar alguma choupana com o inglez?...
(*Helena enfeitá-se em frente ao espelho, cantarolando*).

LEOP. — Paulo e Virginia em seus dias.

VALL. — Praza ao céu que não haja algum naufragio.

HEL. — Stultorum infinitus est numerus. (*Continúa a cantar*).

VALL. — Bravo! Ah! ah! ah!

LEOP. — Mudemos de assumpto. Sabes que eu e o Valladares assistimos hontem, á noite, o ensaio do drama?

HEL. — Sim? (*Para fóra*) O' José, José! Vai á modista, são horas... que me mande a conta, ouviste? (*Voltando-se*) E o que dizem do drama, meus senhores? O que pensa, jornalista? O seu juizo deve ser muito valioso...

VALL. — Assim, assim... Não se póde affirmar que é máo.

LEOP. — Se queres que te falle com a franqueza que me caracteriza, estou de accordo com Valladares... Sou exigente em assumpto litterario. Como poeta ninguem será capaz de contestar-lhe os fóros; mesmo como jornalista é soffrivel; no emtanto é fraquissimo dramaturgo. Não lhe vejo aptidão.

VALL. — Em algumas scenas o autor é demasiadamente frivolo, cahe em banalidades. O entrecho pecca por simples.

LEOP. — Faltão situações dramaticas, e afóra a linguagem... o resto...

VALL. — A linguagem mesmo... não sei que lhe diga. Sobretudo o pensamento capital corre frouxo.

LEOP. — E os *tableaux*!

VALL. — Esta é a minha opinião.

HEL. — Desde quando tem opinião?

VALL. — Desde que te apaixonaste pelo barão de Uberabutinga.

HEL. — Não ha coisa mais insupportavel do que a ignorancia presumida.

VALL. — Assim é, Helena.

SCENA IV

Os mesmos e Alberto

ALB. (*no lumiar da porta*) — Aposto que não me esperava?
(*Seguem-se os cumprimentos*).

HEL. — Que milagre tê-lo n'esta casa.

ALB. — Milagre?

HEL. — Milagre e honra.

ALB. — Bem sabe quanto a minha vida é pensionada. Pergunta ao Sr. Valladares o que é a imprensa?

VALL. — Verdadeiro supplicio de Laocoonte... (*A' parte*) Os credores são as viboras.

HEL. — Ainda á pouco o seu collegá e aqui o Sr. Leopoldo tecião os mais entusiasticos elogios ao seu novo drama. Não é verdade, meus senhores?

ALB. — Foi bondade e agradeço.

HEL. (*á parte*) — Estão em talas. (*baixo para Alberto*) Comprehende?

VALL. (*com embaraço*) A opinião publica vale sem duvida muito mais do que a minha, quereputo insignificante e humilde.

LEOP. (*á parte*) — Helena ha de pagar-nos esta.

HEL. — E o senhor que dizia, Sr. Leopoldo? (*A' parte*) Por esta não esperavão.

LEOP. -- Que era uma magnifica concepção... (*A' parte*) Damnada!

HEL. (*baixo á Valladares*) — Que papel, não se envergonhão?

ALB. — Agradeço-lhes a animação, meus senhores, tão rara entre nós. Rarissima. Eis porque tantos e tão bellos talentos mal ensaião os primeiros vôos lá vão cahir desalentados na obscuridade d'onde partirão.

HEL. — E' exacto!

VALL. — Exactissimo.

HEL. (*á parte*) — Que cynicos!

ALB. (*continuando*) — Quantas vocações vigorosas não morrem ahí desconhecidas, quantas intelligencias predestinadas sonhando com a gloria para despertarem ao depois em noites de desesperança!... Aqui, o poeta acabrunhado pela indifferença de uns, zurzido...

HEL. (*á parte*) — Que lição.

ALB. — ...pelo zoilismo de outros, lutando braço a braço com a ingratição de quasi todos, ha de sentir forçosamente o desanimo, essa asphixia moral, que entorpece as mais santas aspirações.

VALL. — E' um spectaculo commum, de todos os dias.

ALB. — Falta-nos ainda o trabalho mutuo, o combate franco e leal das idéas, o verdadeiro espirito de associação. Muito poucos são os que aconselhão. Por toda a parte o egoismo e a inveja congçados solapão e destróem como o incendio.

LEOP. — O paiz ainda está acanhado para os rasgos do talento e por isso a litteratura caminha timidamente. Ha de vir

uma quadra melhor, e, assim como tivemos uma autonomia politica sobrevirá a autonomia litteraria.

ALB. — Enquanto a norma dos governos não for outra, o entorpecimento de hoje continuará á par de tudo e todas as cousas de amanhã. . . Demais a iniciativa particular entre nós é ainda o embryão estacionario. Eduquem o povo, dêem-lhe a instrucção necessaria, e então esta terra será grande ; a litteratura emancipar-se-ha da vergonhosa tutela em que tem vivido ; ás trevas que enlutão a arte succederá uma aurora de regeneração. Mas qual, meus senhores, a politica é o nosso peor achaque : — vampiro sedento que absorve e exhaure a vitalidade nacional.

LEOP. — Parece descrente.

VALL. — E tem motivos. (*A' parte*) Eis o homem que procurava Diogenes.

ALB. — Quem não ha de descrever de uma sociedade sem crenças? Os animos os mais pujantes sentem-se abatidos diante de tantas calamidades que affligem a patria ; a voz que se ergue para apontar os males que se multiplicão, vê-se desde logo suffocada, e assim a energia consome-se em continuados desgostos.

VALL. — Eu já estou callejado.

ALB. — Desgraçadamente não vale a pena trabalhar pela patria e para o povo : aquella tudo esquece, este raras vezes applaude e galardôa o merito nacional. Não ha nação menos indifferente ás suas glorias, nem mais avára para recompensal-as. Só o estrangeiro conquista. . .

LEOP. — O artista não tem patria.

ALB. — Sei d'isso. Quizera a igualdade restabelecida ; o estímulo e a justiça restaurados.

HEL. (*que durante este tempo estivera lendo*) — Estimulos aqui !

ALB. — Querem saber? Um dia pensei em ser util ao meu paiz, embora fraco e obscuro. Tomei então sobre os hombros a ardua tarefa do jornalista. Ha dois annos. Talvez não acreditem : estou exausto de meios e sem coragem para proseguir. Mal posso supportar as urzes do caminho. A luta dos partidos obseca, atrophia : é um antagonismo sem tregoa. Não era este o meu ideal. Quando a imprensa deixa de ser um sacerdocio para tornar-se em pamphleto grosseiro ; quando cessa de ser uma propaganda doutrinaria para degenerar em poder brutal, tristissima missão !

HEL. (*a parte*) — Valladares está pelos cabellos.

ALB. — Prefiro quebrar de uma vez a pena para não embel-a no fel da calumnia.

VALL. — Com a idade ha de modificar, acredite. Está muito moço e é por isso que. . .

ALB. (*com dignidade*) — Perdão, o character honesto não se rege senão pelas leis invariaveis do dever. Se a acção do tempo pervertesse, a velhice não seria digna de um culto. A theoria do Sr. Valladares é um tanto celebre!

VALL. — O senhor principia a conhecer os homens.

ALB. — Conheço-os bem e föra melhor não conhecer alguns.

VALL. — Supponho que não é uma allusão...

LEOP. (*á parte*) — Isto é comigo tambem...

ALB. (*á Valladares, sardonico*) — De maneira alguma.

HEL. (*a parte*) — Temos duello. (*Alto*) Não vai ao ensaio, Sr. Alberto? São horas.

ALB. — Vou. (*Dispondo-se á sahir*) Até já, minha senhora; ás ordens, meus senhores. (*Sahe*).

VALL. E LEOP. — A's ordens.

HEL. (*acompanhando Alberto até a porta*) — Foi uma lição mestra.

ALB. — Porém infructifera. Até já.

SCENA V

Os mesmos, menos Alberto

HEL. (*mal contendo o riso*) — Que papel, que vergonhoso papel!

VALL. — E's uma tresloucada.

LEOP. — Uma central.

HEL. (*rindo-se perdidamente*) — Pois não corão do tristissimo papel que fizerão?

VALL. (*dando-lhe as costas*) — Ora!

LEOP. (*idem*) — Lá sabes o que dizes!

HEL. — Então o drama é bom ou máo? Não respondem? (*solta gargalhadas*) Quasi onze horas! (*Preparando-se para sahir*) Bem, meus senhores, queirão sahir...

VALL. — Eu fico.

LEOP. (*sentando-se ao piano*) — E eu tambem.

HEL. — Nada, hoje não é possivel. (*Para föra*) José!

LEOP. — O' Valladares, queres ouvir um trecho do Ernani?

VALL. — Estou pensando nas palavras d'aquelle insolente. (*descendo ambos á bocca da scena*) Aquillo não seria uma provocação?

HEL. (*para föra*) — José! A's tres horas quero o jantar na mesa.

LEOP. — Talvez. Ciumes tolos... Eu comprehendi; porém em taes casos digo como os francezes: — *Il faut se boucher les oreilles*.

HEL. — Então, meus senhores...

VALL. — Estás com medo que o inglez ou o barão nos encontrem? Pois então adeus, panacéa dos velhos. (*Sahindo*).

LEOP. — Respeitos ao barão de Uberabutinga. (*Idem*).

HEL. — Adeusinho, illustres criticôs.

SCENA VI

Helena e depois o Barão

HEL. (*para si*) — Se o barão vier, dizê-lhe...

BAR. (*entrando*) — Póde dar o recado.

HEL. — Ah! Que carranca, santo Deus!

BAR. (*seccamente*) — O que ha?

HEL. — Como pretendo jantar no Jardim Botânico, e só virei á noite... (*Olhando para o relógio*) Não me posso demorar um minuto mais...

BAR. — Previno que tudo está acabado entre nós.

HEL. (*indifferente*) — Sim? Porque, barão?

BAR. — Culpa tive eu em entrar n'esta espelunca, cobrindo-me de lama!

HEL. — Parece urso.

BAR. — Amores novos... Julga então que ignoro?

HEL. (*sahindo*) — Não estou para atural-o.

BAR. — Os tacões vingar-me-hão!... Urso!... urso. eu! Era o que faltava!

SCENA VII

Barão e Valladares

VALL. (*da porta*) — O' providencial encontro! Como tem passado, Sr. barão?

BAR. (*disfarçando a colera*) — Meu caro Sr. Valladares.

VALL. — Esqueci-me da bengala. (*procurando-a*) Eil-a. V. Ex. difficilmente encontrar-me-ha sem este objecto.

BAR. — Prova que é um homem prevenido.

VALL. — Nem sempre, Sr. barão... Ocasião ha em que ando totalmente desprevenido... Agora, por exemplo... nem V. Ex. calcula em que sérias dificuldades me vejo!

BAR. — Sim?

VALL. — Se não fosse abusar da generosidade de V. Ex... E' verdade que a quantia... V. Ex. poderá emprestar-me 200\$ réis? Pagal-os-hei...

BAR. — Não ha pressa. (*A' parte*) Biltre! (*Alto*) Não os trago, porém queira procurar-me amanhã.

VALL. — Mil vezes grato á V. Ex.

BAR. (*despedindo-se*) — Pois, Sr. Valladares, ha de desculpar-me; preciso dar ainda algumas voltas.

VALL. — Essa é boa... Sempre ao dispôr de V. Ex.

BAR. — A's ordens.

VALL. — Até amanhã, Sr. barão.

SCENA VIII

Valladares e depois Aurelia

VALL. — Se este sujeito pudesse mandar-me enforcar, estou certo que era a ultima vez que nos viamos. Ah! ah! ah! Deus nos livre que os barões não servissem para alguma coisa. (*Na occasião de sair encontra-se com Aurelia, que dá signaes de enfado*) Minha senhora...

AUR. (*no lumiar da porta*) — Sabe me dizer se Helena já sahio?

VALL. — Já, minha senhora; disse que ia para o ensaio.

AUR. — Obrigada.

VALL. — Póde conceder-me uma palavra...

AUR. — O que deseja?... Tenho pressa. (*entrando*).

VALL. — Dir-se-hia que inspiro-lhe odio... Não sei porque.

AUR. — Odio, nunca. Se o Sr. Valladares não persistisse em fazer-me a côrte, tratál-o-hia com aquella attenção que sempre mereceu-me; desde porém que não perde os sestros dos galanteadores de salas...

VALL. — Galanteios, diz a senhora! Antes fôra!

AUR. — Galanteio ou não, tenho a dizer-lhe pela ultima vez que as suas obstinações são inuteis.

VALL. — Embora o céu e a terra se conspirem contra mim, hei de sagrar-lhe, minha senhora, um amor capaz dos maiores

sacrificios, dos mais hediondos crimes! (*A' parte*) Que asneira!

AUR. — Não prosiga, senhor; Deus pôde fulminal-o!

VALL. — É quem manda ao coração, se o amor vem de Deus; se elle nol-o inspira em cada uma de suas obras?

AUR. — Esse mesmo Deus impõe-lhe sagrados deveres. E' pai e não deve, não pôde esquecer uma missão sublime. Tem uma esposa, e a mãe de seus filhos é por certo mais digna do que eu e as minhas iguaes. Baixe os olhos para ella, que é só ternura e affectos.

VALL. — Repelle-me então?

AUR. — Perde o tempo, Sr. Valladares. (*Dando-lhe as costas*).

VALL. (*com odio*) -- Pois bem, sei o que me cumpre fazer. E' inflexivel, sê-lo-hei tambem. A sua preconisada castidade é irrisoria!... Tem amantes e...

AUR. — Sou livre, Sr. Valladares; não tenho a quem dar contas dos meus actos.

VALL. — Para que ha de ser hypocrita, se aquella porta não se fecha á noite?

AUR. — Veja que insulta uma mulher!

VALL. (*sahindo*) — Ah! ah! ah! (*Da porta*) Adeus, casta Magdalena.

SCENA IX

Aurelia, so

AUR. — Ah! Sempre o insulto e a ignominia!... Meu Deus, porque de um só golpe não acabas esta existencia tão farta de dôres?!... Não foi tamanha a minha culpa para merecer punição tão desapiedada!!... Ah! Senhor! se as lagrimas e a perda de um pai, se um futuro, se o amor, se tudo perdi e se tudo isto ainda não é bastante!... (*Soluçando com desespero*) Oh! não, não meu Deus! perdôa-me, misericordia! Tu és bom e eu te amo! Dêste-me um filho!... (*Ajoelhando-se*) Aqui me tens prosternada a teu pés!... Era a razão que se perdia!...

SCENA X

Aurelia e Alberto

ALB. — Que tens?... Que te fizeram?!... Aqui estou, falla, Aurelia!

AUR. (*como allucinada*) — Meu bom amigo!... Sim, é o senhor mesmo... diga-me que não estou louca... porque não estou... eu o reconheço!

ALB. — Porque são essas lagrimas?... Falla, Aurelia?!

AUR. — Já passou... não sinto mais nada, foi uma nuvem, socegue, meu amigo...

ALB. — Não me illudas... Se te insultarão, diz-me qual foi o miseravel e saberei vingar-te!...

AUR. — Vou deixar esta terra; quero ir para bem longe, onde ignorem o meu nome e eu ignore o nome de todos...

ALB. — Partir!... Deixar-me tambem, Aurelia?

AUR. — Assim é preciso. Entre mim e o senhor ha uma barreira insuperavel — a fatalidade!

ALB. — O' não, nunca! Quiz Deus, que as nossas almas se encontrassem um dia para nunca mais se apartarem! Um élo nos prende ha seis annos — o infortunio! O nosso amor differente dos outros começou com lagrimas!... A minha historia não é menos triste que a tua!... Houve tempo em que eu, lutando pulso a pulso com a miseria, esse phantasma implacavel que nos isola do mundo — lá da janella do meu isolamento ainda tinha sorrisos para a natureza e orações para Deus!... Deus — era o meu culto e o meu unico pensamento; — Deus e tu, Aurelia, são tambem hoje a luz bemeita, que me aclara o espirito atribulado!...

AUR. — Sr. Alberto!...

ALB. — Quando um dia arranquei-te á voragem do bordel, para onde te impellia um braço selvagem, — salvando-te. Aurelia, ouvi lá dos céos umas benções: — era a voz de minha mãe, que parecia dizer-me: Agora vela e ama essa creatura infortunada.

AUR. (*em extasi*) — O' cale-se... cale-se!...

ALB. — E sagrei-te o primeiro amor, amei-te de joelhos; ha seis annos que a minha religião és tu e Deus!

AUR. (*commovida*) — Sei tudo, mas pelo senhor, que já tem soffrido demais por minha causa, por si, precisa, deve esquecer-me. Lutemos ambos!... Amanhã quem sabe, se eu não irei com o meu Arnaldo procurar um asylo?!... Fique, não me acompanhe! Por muito que soffra, não soffrerá mais do que eu!

ALB. — E poderei acaso viver sem ti?... Não, Aurelia; se partires, seguirei teus passos; para onde fôres irei contigo, sempre contigo na vida e na morte! (*Ouvem-se palmas*).

JOSE' (*á Aurelia*) — Está lá em baixo um homem que deseja fallar á senhora.

AUR. — Dize-lhe que suba.. (*O moleque sahe*) Não sei quem possa ser... Talvez o conselheiro...

ALB. (*tomando o chapéo*) — Então até já...

AUR. — Vá depois...

ALB. — Vou então para a outra sala. (*Sahe pela direita*).

SCENA XI

Aurelia e o Dr. Augusto

AUR. (*Senta-se. Augusto pouco depois apparece. Baixo*) — Quem será o importuno?

AUG. (*baixo*) — Eil-a!... (*tremulo e agitado*).

AUR. (*vendo Augusto; convulsiva*) — O senhor!! (*volta-lhe o rosto*).

AUG. — Sim, sou eu, Aurelia, aqui me tens á teus pés, arrependido; submisso implorando o teu perdão.

AUR. — Não o conheço!

AUG. — O homem indigno de outr'ora ajoelha-se constricto..

AUR. (*afastando-se*) — O' deixe-me, senhor, retire-se... não quero vê-lo...

AUG. — Expulsas-me?...

AUR. — São os juroz do que me fez!...

AUG. — E o nosso filho?

AUR. — Seduzio-me, maltratou-me, deu-me uma vida de escrava, e quando essa criança começava a estender-lhe os bracinhos — o senhor teve coragem para abandoná-la e só agora, depois de seis annos lembrou-se que era pai!! Ah! deixe-me, saia; esse menino nada tem com o senhor, e nem lhe assistem direitos sobre elle! Se pude sustentar meu filho sem recorrer ao pão amargo da deshonra; se pude vestil-o e calçal-o sem esmolar, mercê de Deus, as sobras de suas dissipações, digo-lhe que essa criança não tem pai e só me pertence!

AUG. (*supplice*) — Aurelia!

AUR. — Saia, senhor!...

AUG. — Deixe-me ao menos vê-lo...

AUR. — Nunca. Saia. ou força-me a...

AUG. — Uma ameaça?!... Compreendo! Lá dentro estão os seus amantes e convivas para expellirem-me ao seu primeiro aceno!

AUR. — Tem razão para suppor que tenho amantes e convivas!... É a sorte d'essas infelizes mulheres que vão desafogar no torvelinho da lascivia o tormento moral! É a escala d'essas miserandas creaturas, que um dia acreditarão na villeza occulta sob as roupagens candidas do amor para ao depois trahidas — se arrojarem loucas no dedalo do vicio!... Que admira que eu tenha amantes e convivas, se o que não vale n'esta vida são as lagrimas, e para esgotal-as de uma só vez vende-se o corpo e trucidada-se a alma? Que admira o seuhor senão a sua obra?!...

AUG. — Eu voltarei amanhã e então ha de entregar-me o meu filho!

AUR. — Está louco!

AUG. — Louco!... Tenho a meu favor a sua conducta de...

SCENA XII

Os mesmos e Alberto

ALB. (*precipitando-se sobre Augusto*). Cale-se ou faço-o saltar pela janella.

FIM DO TERCEIRO QUADRO E SEGUNDO ACTO

GEORGINA

(ROMANCE)

I

A ILHA D . . .

A alma de artista, que em um bello dia de Setembro, subir ao cimo de uma das collinas que circumdão a augusta cidade rio-grandense, não poderá deixar de intimamente expandir-se ante a primorosa perspectiva que desenrollar-se-ha á seu olhar ávido de suaves impressões.

Em pé, sobre um amphitheatro, Porto Alegre parece a atalaia que vigia os horisontes infinitos e fita os páramos immensos, buscando sondar o futuro envolto nas nevoas do tempo, emquanto á suas plantas o formoso rio que a rega, soletra ternos murmures, castos euleios de suas ondinas á medo balbuciadas á flôr das aguas.

E' o Guabyba que róla mansamente em seu icito crystallco, opulento sultão que ebrio de amor, submisso dobra os joelhos aos pés da mimosa odalisca reclinada no divan esmeraldino das coxilhas.

Do lado do norte sobre a superficie das aguas da magestosa bahia cleva-se um grupo de ilhas verdejantes, pequeno Delta formado pela junção das torrentes do Jacuhy e Itapuhy.

Não é nossa intenção descrever o luxuoso panorama que descer ra o vasto painel da natureza porto-alegrense, mas sim n'um

leve bosquejo orientar nossa leitora na arena onde vão succeder-se os acontecimentos d'esta narrativa.

N'esse grupo de ilhas replectas de uma rica vegetação tropical, ha uma que sobre todas destaca-se, não só pelo aspecto natural, como tambem pelos recursos que a industria humana ahi soube accumular.

N'ella iremos buscar a ponta do fio da narração que queremos escrever.

Atravessaremos o Guahyba como o povo israelita passou foragido o mar Vermelho por terra enxuta; a vara magica de Moysés criadora d'esse prodigio será nossa vontade de moço e as azas doiradas da imaginação de nossa leitora.

Estamos na terra da promissão . . .

E' aqui a margem onde vem quebrar-se a onda guaybense desfeita em branca espuma, remontando um hymno cadencioso ás regiões sidéreas para depôl-o aos pés de Deus.

Frondosos ingazeiros ensombrão a praia coberta de finíssima areia e além por entrè a folhagem das copadas arvores perde-se a vista na immensidade do vargado.

Esparsos aqui e ali no dilatado campo, mais de um lagoão ostenta o fulgor cristallino de suas aguas cobertas de frisos de espuma traçados pelo pato selvagem e o rosco colheciro que ahi se banhão nas horas calmosas.

No meio d'esse quadro, quasi no centro da paisagem debuxada pela formosa ilha, destaca-se o solar de seus habitadores, branca casinha que entre a relva verdejante da immensa varzea parece nivea garça banhando-se n'um ondulante mar de esmeraldas.

Tomemos o trilho que conduz á morada pitoresca d'este lugar.

Dez quadras pouco mais ou menos caminha-se sobre o tapete de avelludada relva desde a praia até a entrada da vasta e longa alameda de jerivás, guabirobeiras e capororocas, que percorrem a extensão de uns duzentos metros, indo morrer junto ao arcento terreiro onde ergue-se magestosa secular figueira, cuja folhagem ensombra um largo perimetro do terreno.

Aqui está a bella casa senhora d'essas terras annunciando no penacho de fumo que eleva-se no espaço, que ali alguém existe abrigado á paz e serenidade do lar campestre.

Sem luxo archithetonico, mais replecta de belleza se mostra pela sua simplicidade a casinha branca rodeada de seu mimoso jardim e opulento pomar, onde parece que uma mão divina soube reunir engenhosamente o agradavel ao util.

Após vêm fechadas por um quadro circumdado de valtes as innumerables lavouras cheias de viço e de promettedoras mèses, fecundadas por um solo de admiravel fertilidade e um ar de pureza infinda.

Agora que conhecemos, ainda que imperfeitamente, os traços mais pronunciados do local em que nos achamos, procuremos relacionar-nos com a familia proprietaria do lugar.

Pouco nos custa subir os quatro degrãos da escada de pedra, que ao lado direito da casa dá entrada para o interior.

Já que estamos no patamar, levantemos o trinco e entremos.

II

A FAMILIA

O proprietario da ilha em que nos achamos é o Sr. Alfredo Megalhães.

Em 1859 a desgraça, ferindo-o nos seus mais caros sentimentos obrigou-o a abandonar a cidade do Rio Grande, lugar então em que residia, para buscar em Porto Alegre um lenitivo á saudade que seu peito brotava á memoria da esposa prematuramente arrebatada de seus braços por um mal extemporaneo.

Negociante da cidade vizinha, onde possuia uma justa estima adquirida por sua probidade e lhaneza de character, gozava tranquillamente os fructos de seus labores, que corrião prosperamente, quando o imprevisto acontecimento que abriu uma sensivel lacuna em seu lar domestico, veio aniquilar-lhe todas as áspirações desfazendo de um golpe os sonhos doirados de sua alma extremosa.

Resumindo todas as suas ambições no circulo limitado da familia, para a qual com trabalhoso affan tratava de conquistar um futuro risonho, não podia deixar de influir extraordinariamente sobre si a morte d'aquella, que por deseseis annos soubera nobremente desempenhar a missão imposta pelos laços conjugaes.

Abandonar a vida commercial e fugir do lugar que aviva-lhe as doces recordações do passado, é projecto realizado debaixo mesmo das primeiras impressões.

A viagem com todo seu cortejo de novidades, a capital com todos seus esplendores só lhe inspirão tédio. Sua vontade é viver n'um ermo onde possa silenciosamente conversar com seus pensamentos intimos.

A ilha de . . . , então despovoada e inculta, devido ás inundações periodicas conhecidas por enchentes de S. Miguel, favorece seus desejos e a compra da mesma foi realizada immediatamente, e ahi o velho negociante fixou sua residência.

Um legado precioso o obriga a olhar para a vida com menos

desamor e amargura; é sua joven filha, loura criança que aos onze annos entristece-lhe a fronte a orphandade materna. A par d'esse laço de sangue e amor que o prende á vida, um outro filho do affecto e da generosidade tambem suavisa-lhe a existencia: é um joven de deseseis annos, seu filho tambem pelo coração.

Orphão desde a mais tenra meninice, Leoncio encontrou na familia de seu padrinho Magalhães, o que perdera na idade de seis annos.

A' benevolencia de seu padrinho devia o joven a esmerada educação que recebera, e os sentimentos nobres de sua elevada alma lapidára-os pelos sabios conselhos e fecundas lições dadas pelo caracter do honesto negociante.

Quando o moço completára os estudos preparatorios nos bancos collegiaes de sua terra, seu pai adoptivo consultou-o sobre a carreira que queria seguir.

Leoncio pedio-lhe o lugar de adjuncto de guarda-livros do escriptorio de sua casa commercial.

Magalhães mencou a fronte negativamente á proposição do affilhado. Não era esta arena tão modesta que ambicionava para estadió dos talentos não vulgares do moço, e em poucas palavras revela-lhe os projectos, cuja realização apenas depende da vontade de Leoncio.

Mostra-lhe que o acanhado espaço de um escriptorio redundará no estiolamento de sua intelligencia robusta, vaticinada para mais arrojados commettimentos. Aconselha-lhe um palco mais vasto em que possa ampliar o círculo de seus conhecimentos e aponta-lhe como alvo um banco academico em perspectiva de um brilhante futuro.

Diz-lhe que tem sido sempre o primeiro a respeitar os escrupulos de sua consciencia, como a susceptibilidade de alma altiva, mas que não aceitará como recusa a desculpa de falta de meios pecuniarios, porque julga não haver necessidade de lembrar-lhe que, se osangue não o enlaçou á sua familia, os laços da amizade e sympathia que os une não são inferiores, nem menos frageis que aquelles.

Não quer, nem aceita uma resolução filha das primeiras impressões, exige do moço que reflicta e dê o verdadeiro apreço á suas boas intenções.

Algun tempo depois Magalhães pede á Leoncio a solução de sua proposta, dizendo-lhe que seja qual fôr sua resposta, promete respeitar a origem que a inspirou.

Leoncio respondeu a seu padrinho que reconhecia e só via em sua generosa offerta mais uma divida de gratidão contrahida para com elle, mas não accedendo á seus bons desejos é apenas levado pela vocação que aconselha-lhe a vida commercial.

Ante resolução tão inabalavel, o negociante fica silencioso. No dia seguinte o moço entrava para um escriptorio commercial.

Assim tinha elle passado um anno entregue ao desempenho dos deveres impostos pela profissão que abraçara, quando o facto que obrigou seu padrinho a retirar-se do Rio Grande, fez-lhe tambem pela mesma causa acompanhar a familia.

As relações contrahidas por Magalhães com esta praça, facilitarão-lhe os meios para alcançar uma casa, que boamente accitasse Leoncio.

Emquanto o joven entrega-se com affan ao trabalho, o velho negociante vai viver em companhia de sua filha na casa de campo, que no capitulo precedente ligeiramente esboçamos.

O que diremos agora da filha de Magalhães?

III

GEORGINA

Antes de tudo pedimos desculpa por uma falta involuntaria.

Olvidamos dizer a nossa leitora a epocha em que começa este romance; esquecemos prevenil-a que um lustro decorreu desde a vinda da familia Magalhães á ilha de... e os acontecimentos que vamos narrar, succederão-se nos derradeiros dias do anno de 1864.

Agora que sentimo-nos relevado da falta commettidã, julgamos desnecessario ante a indulgencia da leitora invocar benevolencia para uma apresentação sem os cerimoniaes do estylo e que vai de encontro com as etiquetas sociaes.

No principio d'esta narrativa, ao descrevermos o local da casa campestre e suas dependencias exteriores, não lançamos sequer um rapido olhar para o interior: resta-nos agora, ainda que tarde, sermos mais curiosos.

Entremos; a sala de visitas está mobilhada com essa belleza que sabe unir-se á simplicidade.

Junto de uma das janellas que abre-se para o terreiro, ha um bastidor onde uma joven trabalha assiduamente n'um bordado.

E' Georgina Magalhães.

Ha sempre no seio d'esta natureza esplendida que nos cerca, entes privilegiados, que são relativamente para a criação o mesmo que para as artes os fructos gloriosos do pincel de um Murillo e as concepções brilhantes do buril de um Miguel Angelo.

A natureza parece que capricha como os grandes genios em criar obras-primas, como elle parece correr em busca d'esse ideal,

que servio de estrella pollar á humanidade no berço, como deve ser o seu ultimo lampejo de existencia no tumulo.

Esse ideal filho do genio e irmão gêmeo da humanidade, que nasceu com o mundo e que com elle só poderá morrer, é a aspiração do bello em busca da perfectibilidade.

Se esse bello é uma chimera, e essa perfectibilidade uma utopia; comtudo são aspirações que não datão de hoje, mas que nascidas com o primeiro homem, não deixarão de existir no ultimo.

E se esse anheló é impossivel o homem realizar n'esta luta incessante entre a vontade e o destino, n'essa pugna de Briareu, não poderão negar que elle tem guardado religiosamente a tradição legada pelo passado ao presente e que este transmittirá em herança ao futuro.

A natureza, como a humanidade, tambem aspira o bello e creia prodigios sonhando a perfeição. Imperecivel como o tempo, alimenta em seu seio a seiva de uma vitalidade que concede-lhe em profusão primores e graças.

Primores e graças que tem essa belleza que o tempo jámais consome e o habito de vê-las não enoja, possuindo uma variedade de ornamentos que é o élo mais seductor que nos attrahe e prende.

Aqui é a bonina oscillando levemente pelo doudo affago da brisa perfumosa e ali são catadupas de harmonias que mil cantores plumeos desatão semelhando um concerto colio e que o homem com todo seu genio criador jámais poderá imitar; mais além a floresta com seus murmures, segredos de seus seios que conta á Deus no silencio das noites, qual virgem timida os castos enleios de seus amores, ajoelhada aos pés de uma cruz.

E' na contemplação d'esta criação illuminada por uma luz divina, que o homem prende-se á Deus por um élo indissolvel, o da — admiração.

Deus, é sempre grande e sublime, quer com as fórmãs que o paganismo ornou-lhe, quer com a veneração que concedeu-lhe uma religião mais racional.

E a natureza, filha de sua omnisciente sabedoria, concebida em um de seus arroubos prodigiosos, tambem produz obras primas que, se não assemelhão-se ás suas grandiosas criações, approximão pelo menos a terra ao céu.

Georgina é a manifestação de uma grande concepção, porque n'ella está consubstanciada a realza do bello.

Bastos cabellos louros em parte desenrollão-se em aneis beijando as espaduas divas, enquanto outros entrancão um diadema á fronte alva como a petala de orvalhada magnolia... Olhos da côr do céu em limpido dia de primavera, cutis de setim-purpura e labios de nacar que n'um leve friso deixão entrever o mimoso es-

malte da dentadura de marfim. Um niveo collo que, occulto na cambraia, desfere no arfar maviosas notas, qual harpa eolia tocada pela viração da alvorada. Uma cintura de fada n'um corpo de cherubim, cinzelado em um arroubo de poesia.

Tal é Georgina entre as sombras pallidas do painel imperfeito, que acabamos de descrever.

IV

OS MALMEQUERES

O sol reclinava-se na orla do occidente, procurando seu leito d'ouro.

O gaturamo entre a folhagem do umbú desatava o derradeiro modulo á tarde, que veloz corria ao seu occaso.

O céo de rosas symbolisava o adeus expansivo da primavera á fechar seus ultimos capitulos no livro das estações.

Era uma tarde linda do mez de Dezembro.

Leve brisa impregnada de perfumes sorvidos na corolla das flôres da varzea povoava o ambiente da ilha.

E os perfumes da brisa aspiravão-se de envolto com as notas das cantigas dos lavradores, volvendo aos lares, dezertos ninhos, que o trabalho ao romper d'alva os fizera deixar.

Sentada n'um dos bancos, que rodeião a annosa figueira silvestre do terreiro, está Georgina que abandonára o bordado para dar seu passeio de todas as tardes, innocente distracção da moça, na soidão de sua vida tranquilla.

Ahi em companhia de Angelica, velha mucama, que criou-a e acalentou-a nas fachtas da infancia, servindo-lhe de guia e conselheira na mocidade, está a moça fruindo os doces e puros gosos da formosa tarde.

Angelica é um d'esses perfis sublimes, em que a grandeza dos sentimentos suffocou o preconceito da côr e resgatou uma alma nobre ao captiveiro.

Uma exemplar abnegação e innumerous serviços de quilate superior prestados á familia Magalhães, tinhão elevado Angelica, a mulher de côr mestiça, filha de uma raça victima de brutaes prejuizos, á posição quasi de mãe adoptiva de Georgina: tal era a confiança que inspiravão seus virtuosos precedentes.

De pé, com a mão sobre o encosto do banco onde está a joven, Angelica fita a moça toda entregue ao entretenimento de desfo-

lhar os malmequeres de um ramalhete que tinha entre as mãosinhas de neve.

— Aqui está um proceder que não se explica, sinhá, disse Angelica sorrindo-se. Ha poucos momentos, no jardim, Vmcc. passou pelas pobres rosas sem dar-lhes um sorriso, os seus jasmims e lirios esperarão em sua passagem uma caricia, e nem ao menos tiveram um olhar. Todo o seu amor pelas flôres, só quem os teve hoje forão os malmequeres; o seu desprezo fez com que as rosas se desfolhassem tristinhas e os jasmims e lirios cahirão murchos em seus galhos. . . Agora que a vejo desfolhando os malmequeres, estou curiosa por saber qual a causa porque perderão a preferencia adquirida em desfavor das outras.

Georgina que a ouvira com toda a attenção, respondeu-lhe com estudada malicia :

— Não debes ignorar que as moças votão um culto immenso á essa flôr de nossos prados; para ellas o malmequer é sybilla que devassa os arcanos do futuro, revellando no presente os mysterios que o porvir cioso encobre. Quando amão e desejão saber se são amadas, todas cheias de fé, interrogão-n'a com estas palavras magicas — *ama — muito, pouco, nada*, arrancando petala por petala a cada palavra pronunciada; se a ultima finalisa em favor de seus votos d'alma, eil-as alegres e crentes; mas se a sorte pronuncia-se contra, eis que os risos trocão-se em lagrimas. . .

— E Vmcc., sinhá, pelo que vejo, interrompeu a interlocutora, tambem consulta a feiticeira dos campos?

— Sim, mas com um outro fim, inspirado por uma amisade mais desinteressada e com uma outra formula criada por mim. A meia hora que as interrogo se — *vem — sim ou não?*

— E não é curiosidadé perguntar-lhe por quem indaga?

— Não é. . . Interrogava se aquelles que tributão tantos affectos a Leoncio tem merecido o seu esquecimento de quinze longos dias de auzencia, e como hoje é sabbado, dia em que outr'ora elle vinha pernoitar sob nosso tecto para passar o domingo conosco na doce intimidade da familia, eu perguntava para saber se hoje virá. . .

— E o que respondeu-lhe seu advinho?

— Disse-me dez vezes *não* e um unico *sim*, e a joven com a voz unguida de profunda emoção, curvou sobre o seio a fronte ennuviada pela melancolia.

— E creê assim tanto nas promessas mentirosas d'essa flôr, para ficar triste por um receio sem fundamento?

— Creio, Angelica, disse a moça erguendo a fronte pensativa, porque essa auzencia obriga-me a suppor, que nós não merecemos d'elle a affeição que em outros tempos tão sinceramente tributava-nos e revelava-nos com seus actos amistosos. Talvez que

as festas e alegrias da capital roubem-lhe o tempo de pensar em nós, e o olvido seja apenas a consequencia do canção e excesso dos prazeres.

— E não teme com sua desconfiança fazer uma accusação injusta ao bondoso coração de seu irmão adoptivo?

— Não temo... Dóe-me muito mais ouvir defender um procedimento que merece censura e negar-me direito ás queixas que faço em nome da fé extincta de uma religião, que desde criança ensinárão-me a venerar: — a da amizade. Ainda hontem, querendo respeitar os escrúpulos de minha consciencia, corri a meu pai e perguntei-lhe se a auzencia de Leoncio era filha de uma causa superior a seus desejos. Queres tu, Angelica, saber o que meu pai disse-me a esse respeito?

— Sempre desejaria conhecer a opinião do Sr. Magalhães em semelhante assumpto.

— Como a tua, contra mim... Alizou-me os cabellos e disse-me sorrindo: — Tolinha, esqueces que Leoncio tem vinte e dois annos e a capital lindas sereias, que sabem atar laços que a mocidade não pôde nem sabe desatar?... Que queres mais que te diga, eu o justifico e se fosse obrigado a accusar alguem, esse alguem seria o teu sexo... E eu calei-me ante a resposta de meu pai, porque não sabia responder-lhe.

— E o accusado, sinhá, não ficou perdoado? perguntou Angelica ao mesmo tempo que interrogava com avidez a immensidade para as bandas do sul.

— Não o julguei defendido, pelo contrario o reconheci mais culpado. Só vi ingrata andorinha voando a outros céos e no bater das azas, esquecendo velhos lares pelos novos climas, que soffrega busca.

— Pois bem, sinhá, eu não o defenderei tambem, balbuciou a mestiça com simulada alegria; deixou esse dever áquelle viajante que vêm no bote, que vejo lá ao longe.

E Angelica apontava para o sul em direcção á bahia que circunda a formosa ilha.

Georgina erguera-se do banco ás palavras de sua companhia, e de pé, anciosa sondava o infinito que seus olhos azues descontinavão.

O sol, na fimbria do horisonte, dardejava seus ultimos raios, prenunciando o crepusculo vespertino, e ao longe, na superficie das aguas, panda vella demandava as praias da ilha.

Pouco tempo depois, por entre as brumas crepusculares, Georgina á custo divisou o bote á colher suas azas de gaivota e aportar á praia.

Meia hora decorreu em profundo silencio... No terceiro ha-

via a anciedade de quem espera, e o rumorejo da viração, ciciando por entre a folhagem da figueira silvestre.

Pouco á pouco foi-se distinguindo um ruído que mais e mais se fazia ouvir. Alguns minutos depois no chão duro da alameda resouo o tropel de um cavallo a galope.

Georgina correu ao portão, que separava a alameda do terreiro...

De repente o cavallo estacou, e o cavalleiro, com a proverbial agilidade rio-grandense, saltou em terra.

Duas exclamações partidas de direcções oppostas chocarão enlaçando-se em fraternal amplexo:

— Leoncio!...

— Georgina! minha irmã!...

Continúa.

APELLES P. A.

A' DISTINCTA POETISA FLUMINENSE D. NARCISA AMALIA

Não venho coroar-te das grinaldas
Da minha phantasia: audacia fôra
Juntar algumas rosas desbotadas
Aos laureis de uma frente sonhadora.

Tu, que ás margens do patrio Guanabara
— Harpa eólea — desprendes harmonias
Sagradas como as vozes dos prophetas,
Divinas como angelicas dulcias;

Tu, que ás lindas e fulgidas estrellas
De tu'alma chamaste « Nebulosas »,
Quando ellas são, no céu da nossa patria,
Outras tantas estrellas luminosas;

Tu, que cinges a fronte de fulgores,
Que illuminas das letras o proscenio,
— Só deves receber altivos preitos...
Os que ao genio consagra um outro genio!

A ave que de balde ensaia o vôo,
Por erguer-se da gleba lodacenta,
Não pôde remontar-se ás sumidades,
Em que a aguia rainha se apresenta.

Não venho, pois, c'rdar-te das grinaldas
Da minha phantasia: audacia fôra
Juntar algumas palmas resequidas
A's rosas de uma frente sonhadora.

Absorto ante a gloria em que te exaltas,
Ouvindo as harmonias de teu canto,
Eu só venho ocular-te, reverente,
A fimbria setinosa de teu manto!

DAMASCENO VIEIRA.

Porto Alegre — Setembro de 1873.

MEU AMOR

(HORAS ÍNTIMAS)

Amor tão puro, como eu tive n'alma
não é possível encontrar igual!...
Foi como um Iris, que prediz a calma —
das tempestades no bramir fatal.

Nasceu de um riso merencorio e santo,
que em labios de anjo perpassando vi...
viveu das gottas de extremoso pranto,
que em negras horas de penar verti!

Foi como a rosa, no botão, singela,
que d'entre as folhas despontando sai,
e a fronte augusta, melindrosa e bella —
Offrece á brisa, que passando vai!

Lyrio alvacento, o mafutino affago
do sol nascente lhe deu viço e còr;
e a branca escuma dos crystaes do lago
lhe trouxe alentos no vital frescor.

Foi mais que um Iris, que prediz a calma,
quando das nuvens se espedaça o véo!
Foi, minha Elvira, como as « flôres d'alma »...
— nasceu na terra...viverá no céo! —

MENEZES PAREDES.

S. Gabriel, Agosto de 1873.

TEU PÉSINHO

O teu pésinho mimoso
Eu vi, n'um mundo de rendas,
Tão lindo e cheio de encantos!...
Ah! esconde-o, não me prendas...

O teu pésinho de sylpho
Eu vi, á medo, á espreitar
Entre cambraias nitentes,
Como as espumas do mar.

Vi depois elle brincando
No tapete avelludado,
Como uma pombinha branca
Sobre o musgo do telhado.

E após ligeiro esconder-se
Das rendas n'um leve tufo,
Deixando sobre o tapete
O perfumado pantufo.

Como nas franças da arvore
Deixa o ninho o passarinho,
E sahe contente voando,
Assim fizeste, pésinho!

Vi-te pésinho de um anjo,
Vi-te entre nuvens de rendas;
Para beijar-te eu daria
Do mundo todas as prendas.

Deixa que eu beije, menina,
Teu pésinho còr de lyrio,
Eu quero aquecel-o aos beijos,
Aos beijos do meu delirio.

ACHYLLES P. ALEGRE.

PHANTASIA AO LUAR

Tão só e tão linda! — parece-me um anjo,
Mas anjo dos céus!
Quem fal-a sósinha vagar pela terra
— Tão perto dos homens...
— Tão longe de Deus?!...

Vem cá, meigo sylpho, não corras...eu quero
Contar-te haixinho
Desejos immensos que rasgão-me o peito! ..
Oh! vem, eu te espero
Meu pallido anjinho!...

Porque tardas tanto?... não vês que as estrellas
Scintillão nos céus?...
A noite é tão fria!... tu andas sósinha
Tão perto dos homens...
Tão longe de Deus!...

.....

E a douda criança saltando e correndo
N'areia passou!...
Embalde chamei-a, deserta era a praia...
Nem mesmo n'areia
Seu rastro deixou!...

MUCIO TEIXEIRA.

CHRONICA

Dir-se-hia uma fatalidade! Sempre uma *Chronica* espremida, rachitica, tão pequena como um infusorio!

Que poderemos dizer em duas tiras de papel? Nada, cousa alguma; o espaço é limitado demais.

Aproveitemol-o, no emtanto.

— O dia 6 de Setembro é uma data memoravel para a cidade de Porto Alegre. Como os leitores sabem, foi em 1742 que algumas familias açorianas vierão povoar esta terra e derão-lhe o nome de Porto dos Casaes. Em Março de 1772 foi elevada á cathedra de parochia e em 1773 o seu nôme trocado pelo de Porto Alegre, quando governador José Marcellino de Figueiredo. A' 6 de Setembro d'esse mesmo anno os officiaes da camara, que funccionava em Viamão, pela primeira vez celebrãrão sessão em Porto Alegre. O dia 6 de Setembro de 1873, pois, rememora o primeiro centenario da fundação da capital de Porto Alegre.

Se este anno elle passou desaperecebido, cremos que o mesmo não succederá em epocha vindoura.

— Na noite de 20 do corrente effectuou o *Parthenon Litterario* o terceiro sarão, que foi sem duvida o mais animado. Occupou a tribuna o socio Achylles Porto Alegre, que, continuando o pensamento de seus dignos antecessores, discorreu habilmente sobre a — *Educação da mulher*. —

Não cabendo nos limites d'esta chronica uma noticia minuciosa do sarão, registraremos apenas o nome das Exmas. Sras. e socios, que tomarão parte n'uma festa em que a poesia e a musica se enlação em fraternal amplexo.

Fizerão-se ouvir ao piano as Exmas. Sras. DD. Ricarda e Clementina Medeiros, Lydia d'Agniar e Celeste Ribeiro Alves, cuja brilhante execução foi applaudida freneticamente pelo auditorio. Cantarão magistralmente as Exmas. Sras. DD. Francisca Cordeiro, Patricia de Lima, Amanda Olinto, Maria Emilia Vianna, e Josefina de Lima Brandão.

Recitarão ao piano as Exmas. Sras. DD. Florisbella Leite de Castro, Maria José Coelho e Maria Leopoldina de Lima Brandão.

O nosso socio e intelligente pianista Pedro Vianna fechou a parte musical. Recitarão producções poeticas os socios Apelles Porto Alegre, C. Kræmer, Damasceno Vieira, José Theodoro de Miranda, Victorino de Azevedo, José Marty Flores, Gaspar Guimarães e F. Motta.

Em nome do *Parthenon* agradecemos ás Exmas. Sras. que se dignarão abrilhantar com seu talento o terceiro sarão.